

Poucas são as pessoas de talento que aceitam facilmente um plano de melhoria pessoal. Algumas descobrem bem cedo que a sua perfeição não consegue suportar o insulto. Outras acham que o seu prazer intelectual está na teoria, não na prática. Apenas umas poucas, teimosas, prosseguirão, de modo penoso, do mundo luxuoso das suas pretensões para o deserto da humilhação e da recompensa.

Laura Trevelyan pertencia a esta terceira categoria. Fora resguardada com extremos cuidados, guardada como um objecto cuja natureza preciosa é tida como certa. Tinha uma pele clara, distinção, uma certa beleza irregular. As suas roupas eram confortáveis, bastante temperamentais, adequadas na perfeição à sua pessoa. Ninguém naquela casa escrevia uma carta mais adequada em ocasiões de luto, ou outras que exigissem tacto, naquela versão da mão italiana que corteja o elegante enquanto evita o exuberante. Ela era, de forma quase assustadora, o membro literato da família, segundo parecia aos restantes, e mais por instinto do que por estudo concentrado. Não que o comerciante houvesse negado às suas meninas as preceptoras requeridas pela sua posição social, e a *Mademoiselle* francesa, e o professor de música – é algo que se depreende sem que precise de ser dito. O conhecimento da língua francesa por parte da sobrinha, modesto, apesar de suficiente, causava uma impressão fantástica a certas pessoas, e nos serões dados pela sua tia convenciam-na a tocar, com um toque admiravelmente leve, uma das peças de piano de Mendelssohn ou Field.

Se era presunçosa, não o era tanto que não pudesse, por vezes, reconhecer sê-lo, e, de modo correspondente, inteligente. Porém, saber não é curar. Via-se assediada por todos os géneros de desamparos obscuros que se poderiam transformar em obsessões. Se estou perdida, quem pode ser salvo? – era suficientemente egocêntrica para perguntar. Desejava com ardor compensar os pecados de outros. Assim, perante necessidades desesperadas, e tendo rejeitado a oração como uma solução indefensável em termos racionais, não conseguia sacrificar a opinião que tinha de si; pelo menos, não na totalidade. Ao procurar no espelho, mordendo os seus lábios finos, disse: Tenho força, por certo, de um certo género, se não se tratar de arrogância. Ou, acrescentou, não será, talvez... vontade?

Uma manhã, enquanto as cortinas mantinham o Sol ainda afastado, Laura Trevelyan dispôs a boca e resolveu exercitar essa vontade ao aceitar os primeiros estados de auto-humilhação. Como cogitava no assunto desde horas matutinas, todos as pulsações da jovem batiam e os seus pulsos estavam fracos quando Rose chegou e permitiu a entrada da luz.

A rapariga observou os braços grossos a esticarem-se e a estremecerem daquela forma abrupta até às cortinas. Depois, o quarto de volta ao seu formato, e o jarro de água na bacia, e uma ou duas coisas que haviam caído já apanhadas e nos respectivos lugares, a mulher disse:

— Não dormiu nada, menina.

— Não diria que não dormi — respondeu Laura. — Como o pode saber, Rose?

— Oh, sei. Há coisas que sabemos por saber.

— Está decidida a deixar-me melindrada — disse, rindo-se, a rapariga, e logo franziu a fronte ao pensar como tinha de suportar as duras críticas da intuição da sua criada.

— Sou uma mulher simples — disse Rose.

Laura desviou a cara. A luz amarela ofuscava-a.

— Não sei o que é, Rose. Nunca mo mostrou.

— Ora, menina, está a troçar da minha ignorância.

— De que modo?

— Como lhe posso mostrar o que sou? Não sou uma pessoa culta. Sou apenas uma mulher.

Laura Trevelyan depressa se levantou. Gostaria de abrir um armário e olhar para o seu interior. As suas emoções não seriam perturbadas por um acto tão razoável e perante a visão de objectos inanimados.

Contudo, nada do que é importante é fácil. Por conseguinte, olhou, ao invés, para Rose, e viu o seu lábio trémulo. Em momentos de agitação, ou de mera admiração, abria-se como uma ferida viva.

Agora, encontravam-se ambas expostas no centro do tapete grosso. Poderiam tremer numa nudez partilhada. No caso da rapariga, a sua camisa de noite era, claro, bastante boa.

— Aqui tem, menina — disse Rose, tapando a sua senhora com a habilidade habitual. — As manhãs ainda são frias.

As duas mulheres tocaram-se, com brevidade.

— Nem por isso — estremeceu Laura Trevelyan, para quem todas as intimidades, quer de mente, quer de corpo, eram ainda um mergulho no vazio.

Em seguida, atravessou o quarto, e penteou o cabelo que a noite emaranhara.

[excerto do capítulo 4]

Muitas das mulas tinham desaparecido. Ao contrário de grandes catástrofes como o roubo do gado na noite de Natal e a morte silenciosa da primeira ovelha, com o pescoço ao comprido no chão, o último incidente foi encarado com ligeireza pelos membros da expedição. Ao cavalgarem para oeste, ficavam, como é óbvio, mais leves a cada perda e, assim, deveriam vencer mais facilmente o futuro, que parecia de um dourado poeirento no olhar de todos.

Continuaram a cavalgar e, por fim, chegaram a uma cumeada de colinas abruptas, salpicada com quartzo dançante, em cujo sopé algumas negras escavavam a terra com paus, à procura de tubérculos. Encontros daquele género acabaram por se tornar normais para todas as partes. As negras estavam agachadas e ergueram os olhos aos homens que por ali passavam, de quem tinham ouvido falar, ou que tinham já visto. Outrora, as mulheres fugiriam aos gritos. Agora, coçavam os peitos compridos e semicerravam os olhos sob as suas mãos de pele de morcego. Sem temerem cascas de árvore ou lodo, examinaram aqueles homens atarracados e emaranhados, cujo odor provinha menos das suas glândulas do que da poeira que vestiam, e cujos olhos eram charcos secos. Já os homens, obcecados pelo seu sonho de distância e com o futuro, olhavam de soslaio para as mulheres como se para fendas em rochas quentes e pretas, e prosseguiram.

Por um qualquer processo de escolha química, o grupo a cavalo dissolvera-se em partes imutáveis. Ninguém negava que o Sr. Voss era o primeiro, o elemento incandescente que devorava os obstáculos, bem como a indiferença presente nos outros. O rapaz nativo circulava a toda a volta do chefe – como mercúrio, não fosse ele de bronze. Jackie estava sempre a matar coisas, ou a farejar um poço de água, ou a ver fumo à distância, ou a

bambolear-se na garupa do seu cavalo e mantinha-se na orla da liberdade.

Atrás do grupo avançado seguiam os cavalos de troca e as mulas de carga conduzidos por Le Mesurier e Palfreyman. Estes dois trocavam todo o tipo de gentilezas e simpatia, mas não os seus pensamentos. Palfreyman não tinha a certeza de qual o deus venerado por Le Mesurier. Este último falava com Palfreyman de modo muito discreto, e sorria encorajadoramente com os seus lábios escuros, como se o ornitólogo fosse um desconhecido. Bem, também ele o era, visto ser outro homem. Empalidecido sob as escamas de sal, Palfreyman era triste e ter-se-ia fundido em amor com outros homens. Sempre que fracassava, culpava-se, pois estava agora convencido da sua incapacidade de comunicação: uma deficiência que o tornava mais miserável, já que a salvação de outros poderia depender dele.

Por vezes, Palfreyman abandonava a companhia de Le Mesurier para fazer avançar as suas mulas e os seus cavalos, e cavalgava na dianteira com a intenção aparente de se juntar a Voss. Depois, mantendo uma distância discreta, esperava que o chefe o chamasse. Contudo, Voss não o fazia. Este desprezava o ornitólogo por motivos óbvios, de que o próprio Palfreyman estava ciente. De constituição delicada, fracassos desta natureza, juntamente com as dores da viagem prolongada, levavam a que, amiúde, o último padecesse horrores. Assim, obrigava-se a todo o tipo de tarefas servis como castigo pela sua fraqueza vergonhosa. Esfregava a gordura dos utensílios de cozinha com mãos cheias da terra seca e esboroadada; filtrava a espuma de toda a água que encontravam; e até tratava de Turner que, todo ele bolhas, aparentava a mais abjecta miséria humana.

[excerto do capítulo 10]